

**UNIÃO**  
ORGÃO  
CENTRO DEMOCRÁTICO  
D. AFFONSO COSTA

Redactor — João Ferreira de Carvalho

Propriedade da empresa União Figueirense

**FIGUEIRENSE**

Sob a direcção das comissões políticas do Partido Republicano Portuguez

O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO NORTE DO DISTRITO DE LEIRIA

EDITOR — ALFREDO LENCASTRE E BARROS

ASSINATURAS  
Portugal e colonias, ano 1\$20; Estrangeiro 2\$00  
Numero avulso, \$03. Anuncios, preço convencional  
Tiragem 1:000 exemplares  
Comp. e imp. nas oficinas da «União Figueirense»

## A China no conflito europeu

I

Parecerá banal a muita gente superficial esta tão terrível e significativa frase:—«A China no conflito europeu!...»

Pois é a mais terrível ameaça para o futuro da Europa!

Ao pan-germanismo devemos mais este grande favor. O despertar da China para a vida moderna é um dos mais curiosos factos da psychologia historica, um dos maiores e mais sensacionais ensinamentos para todos os povos do Mundo.

Quando em 1883, por causa da expansibilidade colonial da França no Extremo-Oriente, sobrevio a guerra entre a poderosa e simpática Republica europeia e o então denominado Celeste Imperio, a China apenas dispunha d'uma rudimentar e bem rotineira desorganização militar, constituída por uma turba-multa indisciplinada, na sua mór parte armada de tar-ranchões arpoados e d'escudos.

O resultado foi perder a extensa região do Tonkin.

Na guerra com o Japão succedeu a mesma coisa. A independência dos japonezes na Criméa e na Manchuria, principalmente a partir desde o tratado de paz com a Rússia firmado em Porsihmouth a 31 de agosto de 1905, obriu a China ás ideias modernas de Democracia e de Liberdade!

A influencia da Gran-Bretanha e dos Estados-Unidos da America accentuou-se duma fôrma tão inergica que despertou para a actividade da vida publica a poderosa e terrível sociedade secreta dos Tai-ping, os carbonarios da China, e, constituído o partido republicano em 1906, o movimento democratico progrediu com espantosa rapidez.

A dinastia tartara, então periclitante por causa da menoridade do imperador Tai-hi-fung, que uma mãe cruel e depravada,—a imperatriz viuva Hoang-hoa—do minava por completo, deu o golpe d'Estado de 28 de outubro de 1907, suprimindo as delegações provinciaes e privando os mandarins do direito de cobrarem os impostos, cuja prerogativa passou para a coroa, que assim dispunha descriptoriamente dos bens e da vida de mais de 460.000.000 de subditos!

A propriedade imobiliaria passou para a aristocracia!

A imprensa foi suprimida e fechados todos os clubs!...

O decreto de 5 de janeiro de 1908 fechava todos os portos da China ao commercio europeu, japonês e norte-americano.

Os supplicios e confiscos de bens estavam na ordem do dia.

A reclamação norte-americana foi extremamente energica!...

Por nota diplomatica, emanada do gabinete de Washington a 10 de janeiro de 1908, o governo da poderosa Republica transatlantica exigiu do governo de Pekin a immediata abertura de todos os portos da China ao commercio internacional sob a expressa ameaça dum rompimento.

A França, a Inglaterra, o Japão e—por ultimo—a Rússia, a despeito mesmo da sua singular situação de protectora da dinastia tartara, secundaram a energica attitude dos Estados-Unidos da America do Norte, obrigandose a uma intervenção armada pelo tratado celebrado em Osaka a 23 de janeiro de 1908!...

Em Porsihmouth e em Toulon começou nesse mesmo dia a mobilização duma parte das divisões navaes do Canal e do Mediterraneo, e na Rússia houve grandes manifestações em pró da guerra com a China.

A 27 de Janeiro foram abertos todos os portos ao commercio.

O movimento republicano tomou grande incremento.

A imperatriz Hoang-hoa apellou para o exercito, já agora o unico, supremo e derradeiro apoio da monarchia, mas o exercito democratizava-se a exemplo do povo, a armada seguia-lhe a piugada e a Messalina da China apenas viu a seu lado um diminuto numero de officiaes da guarda de Pekin, que—mais por illicitos e inconfessaveis motivos do que por dedicação—estavam dispostos a sacrificar a vida em holocausto á sua conservação no trono.

A dissoluta imperatriz declarou que ia abdicar da regencia de seu filho no principe Hiang-Chang e retirar-se com o pequeno imperador para a Manchuria, colocando d'est'arte o seu trono

sob a protecção das autoridades japonezas.

Mas o governo de Iéddo, ao mesmo tempo que lhe concedia asylo, declarou abster-se de intervir na politica da China.

Em sucessivos artigos iremos apreciando o despertar da China para a vida moderna da Democracia e Liberdade.

1 de Abril.

**Fazenda Junior**

## Carta de Lisboa

Já estou velho para essas cousas... Era o que eu lhe dizia ha dias, em resposta ao seu pedido de uma colaboração para o seu jornal. Com effeito, é assim. Rabiscar em jornaes ou é mania que passa com o tempo, como todas as manias, ou uma necessidade de modo de vida que não desaparece, enquanto se não governa a vida de outro modo. Você bem o sabe... Conheço isto como eu, desde a intriga do saguão entre visinhos desaviadas, até ao jesuitismo da repartição, que começa no porteiro do ministerio e vae rastejar-se aos pés do director geral, até á palestra de café. E' um retalhar carne humana com a mesma ferocidade usada na morgue e não menos cheiro nauseabundo...

E' pestilencial...

Adeante: Quiz o acaso que sentisse desejos de narrar-lhe na gazeta uma lèria que passo a expôr-lhe, satisfazendo-lhe os desejos, ao menos por esta vez:

—Quando em Hespanha os monarchicos manualistas, de mãos dadas com os jaimistas, se preparavam para reconquistar a cevadeira perdida, se algum patriota clamava indignado contra o tacito consentimento do governo de Madrid em deixar assoldada as hostes de Couceiro, logo os monarchicos de cá respondiam muito anchos:

—Antes Afonso XIII que Afonso Costa!...

Chegaram mesmo esses renegados calatravas a propalar uma intervenção hespanhola em Portugal, como se fosse possível levar-se hoje a effeito uma reedição do despoico dominio dos Diabos do Meio Dia. Eles reconheciam como nós essa impossibilidade, mas gosavam uo prazer inexcedível em aventar hipóteses, as mais funambulescas, para ferirem a dignidade da Republica e cuspirem o seu odio aos republicanos. Uns canalhas!...

N'essa epoca, não houve adjectivação babosa, salamalesques dengosos que a malta reaccionaria não exhibisse acocorada deante do cizudo leão de Castela.

O Afonso Costa era um maroto, porque incitava os republicanos hespanhoes a implantarem a republica no paiz visinho!

O Afonso Costa era um patife que tivera a pretensão de falar a Afonso XIII, mas elle dera-lhe com a tampa...

Etc., etc....

Acontece, porem, que o illustre estadista passa em Madrid e vae ao Paço, conversando com o monarca hora e meia sobre assuntos que interessam os dois paizes, e a malta, ululando raivosa, cheia de inveja, começa a bordar os mais extravagantes boatos.

—Que o Afonso Costa quer vender a nação a Afonso XIII; que foi tratar da confederação peninsular com a hegemonia de Castela...

Etc., etc....

Mas, o que é mais interessante é que não são só os monarchicos que propalam estes boatos. Tambem ha republicanos que vão na corrente!

Como você sabe, eu tenho amigos em todos os partidos republicanos e, apesar de formiga, falo com todos que defendem a Republica, seja qual for a bandeira a que eles se acolheram.

Hontem, um correligionario da Bica, rapaz que tem uma bela alma e foi dos que em outubro de 1910 appareceu a defender o Idial que tantas vezes apregoára, veio sentar-se ao meu lado no Chave d'Ouro. Ainda não tinha tomado o primeiro gole do café que lhe mandára vir, já ele me dizia em tom semi-confidencial:

—Nós sempre fomos amigos pessoases e cá nestas cousas de politica, que diabo, embora não concordemos, podemos ser francos...

—Pois que duvida! é essa tambem a minha opinião.

—Com franqueza, isto da guerra é uma es.iga com que eu não concordava muito, mas, uma vez metidos n'ela, para a frente é que deve ser o caminho! Quando me chegar a minha vez, eu não digo que não vou, mas tambem não digo que aqueles que têm obrigação de ir primeiro, ainda por ahí andem a passear...

—O' diabo, mas olha que lá os do teu partido é que estão dando esse exemplo. Sim, os da União é que, pelos modos, preferem ficar por cá...

—E' verdade—atálho o meu homem—que me dizes tu a isso da... União?

—Que heide dizer? que não é nada bonito, que tal cousa se não deve fazer... Bem vez, a Patria acima da politica, acima de tudo!...

—Apoiado! eu tambem sou da mesma opinião. Acima de tudo está a Patria! E olha que t'ó digo com franqueza, se lá os da União se começam a sair muito, isto não acaba bem...

—Ainda bem que tu vaees compreendendo estes maneios da politica, homem. A União está desagradando muito por toda a parte.

—Por todo o paiz! Eu sei que ha terras da provincia onde a União está sendo verdadeiramente odiada e olha que isto pode ser muito serio...

—O' homem, extranho essa franqueza! Nem n.e parecees já aquele apaixonado defensor de Brito Camacho que não quer ir para a guerra!...

—Não, ele vae, ele vae... Logo que feche o parlamento, já ele vae. Podes ter a certeza que...

—que o fazem ir, sim, lá isso fazem, e é bem feito. Era uma vergonha. A Patria está acima da politica.

—Não! não! lá isso, não é preciso mandarem-no, que ele vae. Mas... voltando á historia da União, diz-se por ahí que o Afonso... é que... sim que é ele quem dirige esse barco... Sempre será verdade o homem receber qualquer cousa?...

—Qual barco?

—Essa coisa da União...

—Qual Afonso?

—Ora, qual Afonso! o Costa!...

—Mas qual União é que tu queres dizer?

—Da que temos estado a falar, a União Iberica!

—Ora vae pentear macacos mais isso! Julgava que estavas falando da União do Calhariz...

O homem levantou-se, e não disse mais palavra e caminhou para a rua. Nem me disse adeus, nem pagou o café...

Ficára eu a meditar no caso da confusão da União Iberica e União camachista, quando me veio á ideia outra União, a União Figueirense.

E aqui me tem a bater-lhe á porta para contar-lhe a historia e pedir-lhe desculpa da maçada.

C. A.

## A festa da arvore

«Aos alunos de instrução primaria desta aldeia, no dia da festa da arvore.»

Creanças:

E' hoje o dia consagrado á plantação da arvore, á propagação desta nossa amiga bemfazeja.

Se esta pequena festividade, não tem a solenidade dos grandes acontecimentos, nem o fausto das notaveis comemorações, deve todavia possuir, todo o nosso amor e dedicacão!

—Meus meninos:—quero em duas palavras dizer-vos, qual o valor das arvores que hoje se plantam em todo o nosso paiz, d'aquelas que formam as nossas metas, e d'aquelas que adornam os nossos campos.

Todos os povos cultos e civilizados, anam a arvore, como um dos principaes agentes da sua riqueza; mas poucos têm a felicidade de possuirem florestas tão frondosas, campos tão arborizados, e jardins tão matizados como os nossos.

Creanças:—respeitae a arvore, porque ella é para nós umas das maiores riquezas. Sem a abundante vegetação de que o nosso paiz está coberto, nós difficilmente poderiamos subsistir; véde que nelle não ha industrias, nem commercio, como por exemplo na Inglaterra e outros povos, mas reparae tambem, que poucos da Europa, possuem um solo tão apto para a agricultura como o nosso.

E' nele e na instrução, que está a nossa futura felicidade.

—Não somos nós agora os primeiros a saber apreciar o valor da arvore, o merecimento da agricultura, já os nossos antepassados comprehendiam essa importancia.

—Véde o grande Marquez de Pombal, um dos maiores estadistas do seu seculo, o homem que com o seu braço de ferro, susteve Portugal no seu descuido banento, disponnar tambem a sua protecção a agricultura. A sua intelligencia superior, mostrada na re-



edificação de Lisboa apoz a horrivel catastrophe de 1755, na habil reforma do commercio, da industria e das letras, evidenciando-se tambem, pela maneira como desenvolveu a cultura dos cereaes, e mesmo da arvore, mandando plantar, embora sob o ponto de vista industrial, milhares de pés de amoreira.

— Se remontarmos aos tempos mais atrazados, veremos ainda entre os primeiros reis da primeira dinastia, D. Diniz, o lavrador, como ele desenvolveu a agricultura, mandando desbravar os campos, fazer plantações, e semear o famoso pinhal de Leiria.

— E' que este monarca, tendo recebido uma instrução superior á de todos os antecedentes, ministrada pelos seus sabios professores, e adquirida em viagens pelas diversas cortes da Europa teve a visão de que o futuro de Portugal, assentava nas letras e na agricultura.

Ainda mais:—quando ele mandou semear o pinhal de Leiria, era porque já tinha a previsão, de que a futura grandeza do nosso paiz, estava nos mares, e que para os sulcar, eram precisos navios cuja madeira devia sair desse grandioso pinhal.

— Foram, meus meninos—meia duzia de heroicos portuguezes, que em frageis caravelas, chegaram á India, ao Brazil, e a tantas outras terras. Foram estas frageis embarcações, feitas com a madeira das nossas arvores, que, afrontando as impetuosas tempestades e os horriveis monstros da imaginação popular, trouxeram para Portugal, por sobre as incapeladas ondas desses mares ignotos, o nome de primeira potencia do mundo! Não é só para os navios, que as arvores fornecem as suas valiosas madeiras, mas tambem para a construção das nossas casas, onde se emprega para fazer as portas e as janelas, os soalhos e os forros, as mezas e as cadeiras, enfim! em mil objetos de uso comum.

— Até nos bancos da nossa escola tendes a madeira, na carteira onde guardais os livros, na meza onde escreveis, etc.

Sernache do Bomjardim, 11-3-917.

(Atrasado na redacção)  
José Antonio Ferreira.  
(Continua)

**ANIVERSARIOS**

No preterito dia 7, passou o seu aniversario natalicio, a menina Inez, filha estremecida do sr. Francisco Quaresma, da Tehada.

Os nossos sinceros parabens.

**ACLARAÇÃO**

Sabemos que na reunião que o outro dia teve lugar, e a proposito da qual inserimos no ultimo numero uma carta do nosso amigo Alfredo Simões Pimenta, apenas compareceram cinco individuos e não vinte, como na referida carta se disse, certamente por errada informação.

Mais sabemos que a mesma reunião não teve intuios politicos e que a maioria dos que a ela assistiram o fizeram na persuasão de que não levantariam quaisquer atritos de caracter partidario com a resolução tomada, não tendo sido feitos outros convites por falta de tempo.

**Festividade**

No proximo domingo realisa-se em Vilas de Pedro, freguezia de Campelo, deste concelho, a tradicional festa da Senhora do Pranto, que como nos anos anteriores será muito concorrida de forasteiros, pois sendo a grande maioria d'aquella freguezia composta de comerciantes ambulantes que percorrem o paiz de norte a sul, todos eles aproveitam esta ocasião para visitarem suas familias ao mesmo tempo que assistem a esta festa.

De vespera será queimado um vistoso fogo preso e no dia seguinte haverá missa seguida de procissão, realisando-se depois a venda de fogaças e danças populares etc.

Abrilhanará esta festa a filarmónica desta vila, que ali executará um variado repertorio sob a regencia do sr. Manoel Martins Nunes.

Os festeiros, nossos amigos, srs. João Alves Pereira, de Aldeia Fundeira e Manoel Antonio, de Vilas de Pedro, teem sido incansaveis para que esta festa tenha este ano um brilho desusado.

**Ponte de Arega**

Dizem-nos que esta ponte apesar de ter servido de "sorvedouro municipal", está intransitavel não tardando que os povos daquela freguezia fiquem privados de vir á sede do concelho por não poderem atravessar a ribeira. Ao sr. presidente da camara lembramos a urgente necessidade de mandar reparar a referida ponte, applicando ali o "dinheirinho" que alguns ingenuamente pagaram para o braçal. Ahi fica o pedido e esperamos ser atendidos; o povo que paga as suas contribuições, tem direito a receber melhoramentos.

**Noticias pessoases**

**Zilo Alves da Silva**  
Acompanhado de seus ex.ºs tios, sr. Manoel Antonio da Silva e esposa, saiu ontem para Coimbra e d'all para Lisboa o nosso estimado amigo, sr. Zilo Alves da Silva, empregado superior da tesouraria do Monte-Pio Geral.  
Desejamos-lhe feliz viagem e que em breve nos volte a fazer a sua apreciada visita.

**Francisco Sá Pessoa**  
Chegou ontem a esta vila tendo retirado para Vilas de Pedro onde vai

tratar dos seus negocios, o nosso presado amigo, sr. Francisco de Sá Pessoa, interessado da casa Nunes de Carvalho, de Lisboa.

**Dr. José Delgado**

Acompanhado da s. ex.ª esposa e filhinha seguiu para o Murtal o nosso presado amigo, sr. dr. José Delgado da Silva Ribeiro, digno notario nesta vila.

**Ilidio Pereira Guedes**

Encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo, sr. Ilidio Pereira Guedes, representante da casa Basto & Valente, do Porto.

Vieram ontem a Figueiró, os nossos amigos, srs. Manoel Simões Ladeira e Antonio da Silva, do Fontão Fundeiro.

Encontra-se no Fontão Fundeiro de visita a sua familia o nosso amigo sr. Albino Coelho, guarda civico em Lisboa

Esteveram nesta vila os nossos amigos, srs. Emidio Pereira, Manoel Antonio Lopes e Julio Gama, de Vila Facia.

Regressou a Campelinho o nosso amigo e assinante, sr. Manoel Nunes Lourenço, comerciante em Freinada.

Tambem já regressaram a Aldeia Fundeira os nossos amigos, srs. João e Joaquim Alves Pereira, comerciantes no Cartaxo, e a Vilas de Pedro o nosso amigo, Manoel Simões Borna, comerciante em Alcanhões.

Cumprimentámos nesta vila no ultimo domingo os nossos amigos, srs. Augusto Barata Salgueiro, do Carregal, Maximino Henriques Lopes, Manoel Rodrigues Costa, do Troviscal; Manoel dos Reis, de Vilas de Pedro; Manoel Joaquim Rodrigues, do Casal dos Ferreiros da Graça; Augusto Simões Estanqueiro, da Ribeira d'Alge e Teodosio Joaquim dos Reis, de Peralcovo.

De passagem para Alvaizere esteve nesta vila o nosso amigo, sr. Antonio Carvalho Castanheira, aspirante de finanças n'aquelle concelho.

Tambem ontem esteve nesta vila, o nosso amigo, sr. Eduardo Barata Salgueiro, do Troviscal.

Acompanhado de seu pae esteve ante-hontem nesta vila o nosso amigo, sr. Manoel Simões Gomes, da Ribeira Velha.

Tambem no mesmo dia esteve nesta vila o nosso amigo, sr. Julio Martins, de Pedrogam Grande.

**ADEUS**

Adeus, ó gentil mulher,—  
—Mahneguer—  
Meu enlevo,—meu penar...  
Não tenho um sonho, sequer,  
Que a teus pés me vá levar!

Adeus é nota saudosa,  
—Tão mimosa—  
Dum suspiro companheiral  
E' candida como a rosa,  
E' lagrima derradeira!

Adeus é magua sentida  
—Compungida—  
Que sae dum peito ofegante...  
Adeus é 'spressão dorida,  
Do coração dum amante

Num Adeus quanta saudade  
Nos invade,—  
—No momento da partida!!  
Quanto amor e suavidade,  
All se encontra escondida!

Ai!—quantos Adeus a medo,  
—Em segredo—  
Se proferem neste mundo!...  
—Mesmo ditos em brinquedo,  
Deixam vestigio profundo!

Um Adeus te vou mandar,  
P'ra ligar  
Mais o peso do sofrer!  
—Deixai-o ir ás Areias  
Das sereias,  
Onde um al me vai morrer!...

MILTHERBER

**ANUNCIO**

Direcção das Obras Publicas do Distrito de Leiria  
1.ª Secção de construção d'estradas

Estrada Distrital n.º 123—Estação de Pombal por Figueiró dos Vinhos a Oleiros e a Sernache do Bomjardim.

Ramo para Sernache do Bomjardim. Ponte sobre o rio Zezere.

Faz publico que no dia 18 de abril pelas 11 horas, na Administração do concelho de Figueiró dos Vinhos se hade proceder á arremação por carta fechada da empreitada constante do seguinte mapa:

Numero das empreitadas	Natureza do trabalho ou material	Quantidade	Base de licitação	Deposito provisorio
	Posta na margem direita a 30m.0 do local da obra			
1.ª	Cantaria em aduelas para o arco lateral	32m.88	493.00	12.33
2.ª	Cantaria em aduelas para o arco lateral	32m.88	493.00	12.33
3.ª	Cantaria em aduelas para o arco do centro.	31m.96	479.00	11.98
	Posta na margem esquerda a 30m.0 do local da obra.			
4.ª	Cantaria em aduelas para o arco lateral	32m.88	493.00	12.33
5.ª	Cantaria em aduelas para o arco lateral	32.88	493.00	12.33
6.ª	Cantaria em aduelas para o arco do centro.	31.96	479.00	11.98

A carta fechada, que cada concorrente apresentar, deverá conter:  
1.º Declaração escrita, obrigando-se a fazer o deposito de 5 por cento sobre o valor da adjudicação;  
2.º Documento de competencia para a execução do trabalho;  
3.º Documento de ter feito o deposito provisorio,  
4.º Proposta do preço, fechada no sobrescrito.

As medições, desenhos e condições especiaes da arrematação estão patentes na Direcção das Obras Publicas em Leiria e na secretaria da secção em Alvaizere todos os dias não feriados, das 10 ás 16 horas.

Secretaria da secção em Alvaizere, 4 de abril de 1917.

O chefe de secção,  
FRANCISCO MAGNO ADRIÃO LAGOA

**CORREIO DA "UNIÃO,"**

Enviaram-nos a importancia de suas assinaturas os nossos presados assinantes, srs.:

Antonio Leal Agria, Mira—  
Cantanhede, 2\$20 até ao n.º 370.

José Coelho David, S. Tomé,  
1\$20 até ao n.º 358.

José dos Santos Lucas, Viana do Alemtejo, 1\$20 até ao n.º 369.

Artur Coutinho, Porto, 2\$40 até ao n.º 312.

João Fernandes Martins, Principe, 2\$40 até ao n.º 358.

Antonio Carvalho Castanheira, Alvaizere, \$60 até ao n.º 330.

Manoel dos Reis, Vilas de Pedro, 1\$20 até ao n.º 333.

Manoel Domingues, Lisboa, 1\$20 até ao n.º 382.

**UM FENOMENO**

Maria Alves, do Souto do Vale, concelho de Castanheira de Pera deu á luz no preterito dia 8, quatro creancinhas, sendo uma do sexo feminino e as restantes do sexo masculino. Todas nasceram com vida, falecendo na noite de 10 para 11. A parturienta que teve agora o seu segundo parto, teve do primeiro duas filhas que ainda vivem.

**EDITAL**

José Miguel Fernandes David administrador do concelho de Figueiró dos Vinhos.

Faz saber que, na secretaria da administração deste concelho, está aberto concurso por espaço de 20 dias, a contar da presente data, por proposta feita em carta fechada, para o fornecimento de rancho aos presos pobres recolhidos nas cadeias d'esta vila, que começará no dia 1 de julho proximo e finda em 30 de junho de 1918, procedendo-se a abertura das propostas no dia 27 do corrente mez pelas 12 horas na secretaria desta administração com assistencia dos proponentes, não sendo admittidas propostas superiores a \$20 centavos, pelas rações diarias a cada preso. As condições e clausulas acham-se patentes nesta secretaria em todos os dias uteis e horas legaes, ficando



as despesas da arrematação a cargo do adjudicatario.

E para constar se passou o presente e identicos que vão ser afixados nos logares publicos e do costume.

Administração do concelho de Figueiró dos Vinhos, 7 de abril de 1917.

José Miguel Fernandes David

## EDITAL

Antonio Jacinto David, administrador do concelho de Pedrogam Grande.

Faz publico, que na secretaria desta administração do concelho, está aberto concurso por espaço de vinte dias a contar da presente data, por oronasta feita em carta fechada, para o fornecimento do rancho aos presos pobres recolhidos na cadeia desta vila, que começará em 1 de julho e finda em 30 de junho de 1918, procedendo-se á abertura das propostas no dia 25 do corrente mez de abril pelas onze horas na administração do concelho da sede da comarca, não sendo admitidas as propostas superiores a \$20 centavos pelas razões diarias a cada preso.

As condições e clausulas acham-se patentes nesta secretaria em todos os dias uteis e horas legaes, ficando a despeza da arrematação a cargo do adjudicatario. E para constar se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos logares do costume.

Administração do Concelho de Pedrogam Grande, 4 de abril de 1917.

O administrador do concelho,

Antonio Jacinto David

# GRANDE LIQUIDAÇÃO

— NA —

**União Comercial Pedroguense**

— EM —

**Pedrogam Grande**

O proprietario deste estabelecimento, resolveu liquidar todos os artigos de que o mesmo se compõe, a preços ainda muito baratos, 20 % a 25 % abaixo do seu preço actual; vem por isso fazer publico aos seus Ex.<sup>mos</sup> fréguezes de que não deverão regatiar-lhe uma visitinha, pois que com isso só terão muito a lucrar.

Lembra tambem aos seus ex.<sup>mos</sup> devedores que devem vir satisfazer os seus debitos no mais curto praso de tempo.

O proprietario,

**Manoel U. Pedroso Neves**

## EDITAL

Cazimiro Correia, administrador do concelho de Castanheira de Pera.

Faz sabet que, na secretaria desta administração, está aberto concurso por espaço de 20 dias a contar da presente data, por proposta feita em carta fechada, para o fornecimento do rancho aos presos pobres recolhidos nas cadeias desta vila, que começará no dia 1 de Julho proximo e finda em 30 de junho de 1918, procedendo-se á abertura das propostas no dia 27

do corrente mez, por 12 horas na secretaria da administração do concelho de Figueiró dos Vinhos, com assistencia dos proponentes, não sendo admitidas as propostas superiores a \$20 centavos, pelas razões diarias a cada preso. As condições e clausulas acham-se patentes nesta secretaria em todos os dias uteis e horas legaes, ficando as despesas a cargo do adjudicatario. E para constar se passou o presente e identicos que vão ser afixados nos logares publicos do costume.

Administração do concelho de Castanheira de Pera, 7 de abril de 1917. E eu, Ti-

## ATLANTICA COMPANHIA DE SEGUROS CAPITAL 500 CONTOS

SÈDE PORTO—LOYOS, 92

Agencia Porto—Infante D. Henrique, 53

Telegramas—ATLANTICA, Porto.—Telefones: Administração, 1.986—Secção Expediente, 1.306—Secção Maritima, 2.105—Agencia, 1.897.

DELEGAÇÕES e Agencias em Lisboa, Londres, Paris, Christiania, Stockolmo, Copenhagen, Madrid, Barcelona, Vigo Genova, Palermo, Petrogrado, New-York, Boston, Atenas, Bordeus, Marselha, Havre, Tunis, Alger, Malta, Funchal, Ponta Delgada, Horta, Ilhas de Cabo Verde e Santa Maria.

1:800 CORRESPONDENTES NO PAIZ

Seguros contra fogo, roubo, tumultos, assaltos, guerra, guerra civil, graniso e inundações.—Seguros contra mortes e accidentes d'animaes.—Seguros maritimos contra todos os riscos

Comissarios de avarias em todos os portos do mundo

**SEGUROS DE GUERRA**

Sinistros pagos em 1916

**153 CONTOS.**

BANQUEIROS

J. M. Fernandes Guimarães & C.<sup>a</sup>  
Joaquim Pinto Leite Filho & C.<sup>a</sup>—Porto  
Banco Nacional Ultramarino  
London County & Westminster Bank  
Pinto Leite & Nephews—Londres  
Crédit. Lyonnais—Paris  
Revisions Bank—Copenhagen

Esta Companhia está em relações com Companhias inglezas, francezas, italianas, russas, dinamarquezas, suecas, norueguesas e hespanholas.

AGENTES EM FIGUEIRÓ DOS VINHOS

**GODINHO & PINTO**

berio Rodrigues Fernandes, secretario da administração o escrevi.

O administrador do concelho  
**Cazimiro Correia.**

**VINHO DE CHÃO  
DE COUCE**

Chegou nova remessa deste magnifico vinho.

Vende, Manoel Joaquim—Graça.

## Guerra à sola

Ao estabelecimento do sr. Carlos Liborio, acaba de chegar uma grande porção de pneumaticos que, com vantagem, comodidade e economia, substitue a sola do calçado. O proprietario do estabelecimento encarrega-se de mandar pôr a borracha no calçado ás pessoas que assim o queiram.

Quem usar uma vez não quer mais sola, já pela comodidade, já pela grande economia.

**AGUARDENTE**

De 24 graus, vende 400 litros—A. V. S. Manso—Arega.

provar-lhe o seu affecto. Verdade seja que ele não distinguia entre ambas a respeitosa veneração com que lhes falava.

Os primeiros dias quasi os destinára exclusivamente á narração de tudo o que no seminario se aprendia, ás impressões da longa viagem que fizera de Braga á Catraia e á excessiva transformação que tudo o que via lhe aparentava. O seu aspecto não traduzia a costumada frieza que a disciplina religiosa imprime geralmente áqueles cuja aducação lhe é submetida. O Luiz expelia dos labios um rir franco e olhava para as outras pessoas de cabeça erguida. Não era muito falador, mas tambem não escondia as palavras nos gestos, empregando sinaes em vez de sons articulados. Na sua conversa notava-se uma acentuada circunspeção e, diga-se sem favor, era uma creatura insinuante, inteiramente diferente d'aqueles espiritos acanhados que a clausura cultivava sistematicamente para propagandistas de doutrinas que não assimilaram em largos anos de trituração mental.

O Luiz mostrava bem que sob o albotoado da sua batina negra tinha uma alma cheia de luz. Exteriormente, tinha impresso nos habitos de aprendiz de clerigo secular o distintivo de uma seita, mas lá dentro batia um coração! Sem saber porquê, — a baroneza, que extranhava o aspecto de Luiz, admirava, comtudo, a gentileza do seu semblante. Quando ele falava, escutava-o com interesse; se se calava, provocava com qualquer pergunta uma nova conversa. E o Luiz, sempre atento e solícito, falava de novo, e com um tal doçura de voz e intelligencia de conceitos, que a baroneza punha em atividade toda a sua illustração para o ouvir e comprehender.

Todos os dias, depois do jantar, a baroneza ia com o Luiz dar um passeio, habito que perdera com a morte do marido. Em um desses passeios, falaram muito de Luiza e a baroneza confessou o seu arrependimento por a ter collocado no convento.

—Não é que eu goste da educação conventual—explícava a baroneza—mas receio que Luiza se tenha decidido a não voltar á Catraia.

—Como assim?! Então a madrinha não tinha o maior prazer em que ela fosse freira?

—Sim, decerto. Manifestei sempre essa vontade e quasi o prometera a Deus perante o altar da minha consciencia. Mas...

E a baroneza deu um profundo suspiro, entoadado com o mais repassado sentimento.

—Não compreendo!—continuou o Luiz, fazendo um gesto exclamativo.

Pois tu não leste ainda com atenção o testamento de teu padrinho? Com uma simples leitura, vê-se bem que ele teve o proposito de evitar que tua irmã professasse.

—Sim, mas não o determinára imperativamente...

—Não ordenou, mas afirmou a sua vontade... a sua ultima vontade que eu prometi cumprir, quando fitava o seu olhar pela ultima vez. E a baroneza enxugava as lagrimas que lhe deslisavam pelas faces.

—E eu supuzera que a madrinha, apesar de tudo, queria que ela ficasse para sempre em S. Albano.

—Não. Quando a lá entreguei, disse logo que estaria apenas até aos vinte anos e que depois regressaria aqui para viver em tua companhia. Que essa era a vontade do sr. barão e que seria cumprida.

—E então, porque não hade ser cumprida essa vontade?—exclamou o Luiz com interesse.

—Porque... titubiou a baroneza—porque... ela não quer!

—Porque ela não quer?!...—interrompeu o Luiz estupefacto.

—Olha, lê—tornou a baroneza, dando ao Luiz uma carta que n'aquela dia recebera da irmã.

O escolar devorou as oito laudas da missiva que a madrinha lhe apresentava, ficou um instante sem dar resposta e por fim disse:

—Mas a madrinha tem de dar cumprimento á promessa que fez ao sr. barão!

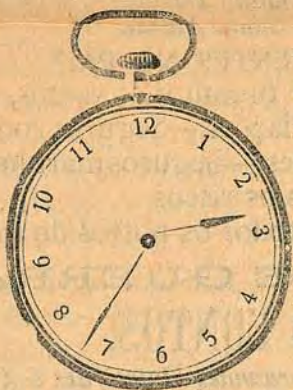
—Morrerei de desgosto na hora em que me convencer de que a não posso cumprir!



# RELOJOARIA E OURIVESARIA

DE  
**Manoel Lourenço Gomes dos Santos**

**FIGUEIRÓ DOS VINHOS**



Participa ao publico que acaba de chegar a esta antiga e a reditada casa um grande sortido de relojoaria e ourivesaria de todas as qualidades e para todos os preços.

Relogios historicos; ditos com corda para quatrocentos dias e outros com lindas peças de musica.

Estes relogios são da maxima confiança, afiançados por 3 ou 4 anos e não trocam as horas.

**Concertos em todos os relogios a preços convidativos, sendo estes garantidos.**

Nesta acreditada casa tambem o publico encontra uma enorme variedade de gramofones e um colossal sortimento de discos com as mais lindas e variadas peças de musica, muito proprias da actualidade.

Vende maquinas de costura, por preços barattimos e convenientes, alem disso tem tambem maquinas novas de pé e mão aos seguintes preços e a pronto pagamento.

Acessorios para bicicletas, pneumaticos e camaras d'ar

Compra libras e peças em ouro antigo.

Compra prata e ouro velho, por bom preço

# BARATEIRO DO POVO

**E' o estabelecimento que mais barato vende e que maior sortido tem**

Fazendas de lã, algodão e seda. Miudezas, mercearia e brio

*Sola, cabedaes e todos os artigos para sapateiro, por preço mais baixo do que em qualquer parte*

**Camas de ferro, colchões, enxergões e lavatorios**

**Correspondente das Companhias de Seguros "A Lisbouense e Indmizadora,,**

**Provem o delicioso café que acaba de chegar ao BARATEIRO DO POVO em latinhas de 6, 8, 12 e 16 centavos. Tambem ha avulso, uma especialidade d'esta casa que não recia competencias.**

TIPOGRAFIA "UNIÃO FIGUEIROENSE,"  
Execução perfeita de todos os trabalhos tipograficos

O proprietario

JOSÉ MIGUEL FERNANDES DAVID

**FIGUEIRO DOS VINHOS**

—Tambem não será caso para tanto... uma vez que não é sua a culpa...

—Sim, Luiz, a culpa, embora involuntaria, é só minha. Se eu a não tivesse levado para tão longe, se tivesse ido vê-la repetidas vezes, Luiza não teria perdido o amor por esta sua terra, por mim, pela mãe e...

—E por mim!—acrescentou o Luiz, bastante perturbado.

—Morrerei de desgosto!—continuava a baroneza.

O Luiz quedou-se pensativo e a fidalga continuava a lastimar-se da resolução da afilhada. Volvidas instantes o escolar parou, fitou a baroneza e disse:

—Madrinha, não chore! Compreendo a sua dor e sei quanto lhe custa faltar ao juramento feito. Pois bem: assevero-lhe que não faltará a ele!

—E como evitares que tua irmã não seja freira, se é ela que o declara terminantemente n'essa carta?!

—Isso pouco importa saber-se, basta que lhe afirme pela minha honra que a vontade do sr. barão será cumprida! respondeu solenemente o Luiz.

E o seminarista tinha agora presentes aquelas palavras que o padrinho lhe dissera, quando o fôra levar a Braga e lhe repetira em varias cartas posteriores:

—Se tu não quizeres ser padre, ela não será freira...

E o Luiz raciocinava: que o mesmo é dizer que, se eu quiser ser padre, ela poderá ser freira... e assim ficará satisfeita a vontade do testador.

Escusamos de dizer que Luiz jamais pensára em tomar ordens. Continuára em Braga, depois do testamento do barão, para ser agradavel á madrinha. De resto, pensara ele, e bem, que nada perdia com os estudos e que, mais tarde, resolveria declarar abertamente á fidalga as suas intenções. Por enquanto, queria poupa-la a desgostos desnecessarios. Porem, a hora chegára de lhe falar claro, de lhe dizer que aborrecia a vida eclesiastica, para que não sentia inclinação, que o padrinho o havia aconselhado assim mesmo, o que provava com as cartas que guardára, que não era do seu gosto que a irmã fosse freira e que

Efectivamente, o seminarista regressára n'aquela dia ao pequeno logar da Catraia.

Não perderemos tempo em descrever as cenas intimas que se passaram á sua chegada, produto da satisfação imensa que transbordava no coração da mãe, correndo parelhas com alegria que experimentava a propria fidalga. Houve risos e abraços e até as lagrimas, companheiras inseparaveis das grandes sensações, annunciaram a sinceridade com que era desejado o regresso de Luiz. A baroneza comparava aquele dia ao que passara junto da superiora de Santo Albano, quando lhe fôra entregar a afilhada. Não é em vão que se reparte uma porção do nosso affecto por um ente que nos habituámos a estimar. E, quando esse ente é uma creança ainda, á maneira que se desenvolve fisica e intellectualmente, esse bem que lhe queremos aumenta na proporção da idade e fructifica tão extraordinariamente que constitui um dos mais belos fenomenos animicos.

Foi assim que o Luiz era igualmente querido da mãe e da baroneza, que, á compita, se mostravam desejosas de